PROFESSOR MANOEL AUGUSTO PIRAJÁ DA SILVA

* 28.I.1873

† 1.º.III.1961

Vultos eminentes, já desaparecidos, figuram entre os que, no Brasil, cultivaram a Parasitologia e a Medicina Tropical. Lutz e Chagas, Goeldi e Aragão, Vital Brazil, Rocha Lima e Lemos Monteiro encheram, com seus feitos, muitas páginas da História da Medicina; mas não é lista completa. Faltam os da Bahia. E não são poucos: Silva Lima, Wucherer, Vitorino Pereira, Paterson, Silva Araújo, Pedro Severiano de Magalhães, Pacífico Pereira, Arthur Neiva...

Entre os que se notabilizaram pela originalidade da descoberta figura um que, vivo até há pouco, se ocultava na penumbra de uma modéstia que só fazia realçar o seu valor, por mais que se esquivasse à notoriedade, só alcançada, fora dos círculos especializados, quando, imobilizado pela doença, não mais pôde reagir.

Manoel Augusto Pirajá da Silva, nascido em Camamú, Bahia, a 28 de janeiro de 1873, haurira seus conhecimentos em pura fonte, discípulo de grandes mestres que foi, na França e na Alemanha. Souberam êstes incutir-lhe convicções tão profundas que na primeira ocasião de utilizar seus conhecimentos com responsabilidade e de entrar em oposição com os mais categorizados pesquisadores da época, não hesitou um momento. Insistiu na diversidade dos *Schistosoma* do homem e investiu com tal veemência que levou de roldão os unicistas, embora um dêles se chamasse Loos. Isto lhe confere, com pleno direito, a prioridade da descoberta, distinta da prioridade nomenclatural, esta infelizmente escapada por pouco do brasileiro pesquisador, por fôrça de rígida convenção internacional, representada pelas Regras de Nomenclatura Zoológica, para cair nas mãos de outro gigante da patologia, Sambon, em 1907. No entanto, quão mais justo teria sido coubesse também a prioridade nomenclatural a quem primeiro distinguiu o verme, estudou-lhe a biologia e os efeitos do parasitismo, o brasileiro Pirajá da Silva...

O emérito pesquisador dos *Schistosoma* não limitou sua curiosidade a êste gênero de helmintos e perlustrou com êxito vários outros capítulos da Medicina Tropical.

Miiases, amebiase, leshmaniose, dermatose causada pelo coleoptero vesicante, maduromicose, blastomicose, eis alguns dos tópicos da Parasitologia por êle abordados e sôbre os quais deixou comunicações originais.

Em nenhum dêles, entretanto, se agigantaria como no estudo da Esquistossomose. Foi sua obra máxima e tão sua que os contemporâneos não hesitaram em ligar a ela o seu nome: Doença de Manson - Pirajá da Silva.

Descobrir a doença, encontrar o parasita, reconhecer sua diversidade específica, estudar-lhe a evolução, achar seu hospedeiro... Opôr-se aos que ousavam contradizê-lo, assim demonstradas firmeza de convicção e profundidade de conhecimentos... Conter-se, manter reserva depois da vitória, sem procurar trombetear aos quatro ventos que a descoberta era sua .. Saber ganhar com nobreza, sem se deixar embriagar pela fama...

Outro aspecto da polimorfa cultura de que era dotado se avantajava também. O de recordar a história de sua Terra.

Reproduzir a obra pioneira de Gabriel Soares dos Santos, o enciclopédico conhecedor do litoral, da potamografia, da etnologia, da flora e da fauna brasileiros, como poderiam ser descritos no século XVI, já seria muito. Estudá-la pormenorizadamente e comentá-la tôda como erudito, discernindo o que estava certo do enganoso, esclarecendo o que estava obscuro e interpretando, à luz do conhecimento atual, o que a penumbra da ciência de 1500 apenas permitia divisar, eis o que mais admira.

Convocou-o o Instituto Butantan quando já repousava, coberto de uma glória que timbrava em disfarçar. Aceitou, com a modéstia de sempre, o pouco que lhe era oferecido para, em câmbio, retribuir com tudo quanto pudesse render sua capacidade física e intelectual.

A Pirajá da Silva ficou o Instituto Butantan ligado por laços não sòmente afetivos de alguns de seus elementos, mas também pela contribuição que lhe deu. Ainda como Professor, na Bahia, funcionou seu Laboratório como representante do Butantan, canalizando material do nordeste, que envia a êste Instituto. Em agradecimento dessa valiosa contribuição, dedicou-lhe um seu discípulo uma espécie de ofídio peçonhento da região nordestina, *Bothrops Pirajai* Amaral.

Mais do que isso, preza-se o Butantan de ter contado com êle, infelizmente por espaço de tempo mui breve, para abrilhantar o seu corpo de pesquisadores.

Ao organizar o Laboratório no Butantan, em 1937, a todos admirava Pirajá, então rijo sexagenário, pela disposição com que se lançava em incursões ora por invios sertões da sua Bahia, ora pelo extremo sul do País, em D. Pedrito, na fronteira com o Uruguai, a coletar material, voltando carregado de raridades, ainda hoje existindo no Horto Oswaldo Cruz, do Butantan, vários espécimes preciosos da flora, por êle trazidos, entre os quais a Cola, *Cola acuminata;* o Côco de cheiro, *Borassus flabelliformis;* a curiosa "Bananeira de dois cachos".

Mais do que as preciosidades que deixou, entretanto preza o Instituto Butantan a feição que ajudou a lhe imprimir com a sua presença: perseverança no trabalho, austeridade, desprendimento, nobreza de proceder, altivez dentro da modéstia, serenidade...

É depois de derrubado que se conhece a altura do colosso da floresta. Agora que Pirajá se foi, confirmamos também que hombreou com os maiores vultos da Medicina Pátria.

Assim era Pirajá da Silva. Engrandeceu a Cátedra e a Faculdade a que se devotou; honrou o seu querido torrão natal, a Bahia; projetou até os mais avançados centros científicos da época o nome da sua Pátria. Na História da Medicina plantou um marco indestrutível.

F.F.